

IGREJA
LUSITANA

COMUNHÃO
ANGLICANA

o novo despertar

TRIMESTRAL
AGOSTO 2019

Nº 181
€1.50



Destques nesta edição



Pág. 8 e 9
XXX Campos de Férias



Pág. 10 a 15
Ordenação de Diáconos



Pág. 18 e 19
VI Escola de Verão de Direitos Humanos



Pág. 20 e 21
Declaração da Justificação pela Fé

Leia e divulgue o Novo Despertar

registre-se em www.igreja-lusitana.org para receber a newsletter.
siga-nos no: www.facebook.com/igrejalusitana
versão digital do Novo Despertar no site da Igreja



Ficha Técnica

Entidade Proprietária: Igreja Lusitana Católica Comunhão Anglicana **Director** - D. Jorge Pina Cabral **Administração** - Rev. Sérgio Pinho Alves **Equipa Redactorial** - D. Jorge Pina Cabral, Rev. Sérgio Alves, Dr. António Manuel Silva, José Manuel Cerqueira, Catarina Sá Couto **Colaboradores neste número:** Fernando da Luz Soares, Sara Costa, Brígida Arbiol, Matilde Fernandes, João Alves **Fotografia de Capa:** A Cruz Celta da capa encontra-se no jardim da Catedral Anglicana de S. João em Hong Kong e tem na sua base uma inscrição em memória dos que morreram nas duas grandes guerras mundiais **Foto do texto sobre Mário Cláudio:** Joseph Martin - Fotobanco.pt **Foto do Bispo Mark Eddington:** Trinité Vol.14 N°1 **Redacção:** Centro Diocesano, Rua Afonso Albuquerque, 86 Apartado 392 4431-905 V. N. de Gaia Tel: 223 754 018 - Fax: 223 752 016 **E-mail:** centrodiocesano@igreja-lusitana.org **Web:** www.igreja-lusitana.org **Tiragem:** 750 Exemplares **Periodicidade:** Trimestral Isenta de registo na ERC ao abrigo do Dec. Regulamentar 8/99 de 9/6, artº 12, nº1A **Depósito Legal:** 251930/06 **NIPC:** 592003159 **Impressão:** Sersilito O Novo Despertar é um órgão oficioso da Igreja Lusitana, editado pelo Sínodo Diocesano. O seu conteúdo pode ser reproduzido desde que seja citada a origem. As opiniões expressas são da responsabilidade dos seus autores e não representam necessariamente a posição da Igreja Lusitana. **Assinatura Individual Anual Nacional:** 10€ **Assinatura Individual Anual Internacional:** 15€ **Assinatura Benemérito:** 15€ **IBAN:** PT50 0033 0000 00005468868 81 (Millennium BCP)



Na Lua com Deus

D. Jorge Pina Cabral

A aterragem da nave Apolo 11 na lua em 1969 foi precedida de um momento simbolicamente marcante quando o astronauta Buzz Aldrin fez o seguinte pedido: «queria aproveitar esta oportunidade para pedir a todos os que nos estão a ouvir, quem quer que sejam e onde quer que estejam, que façam uma pausa e pensem nos eventos das últimas horas e que deem graças à sua própria maneira».

Autorizado pela base o astronauta retirou então de um pequenino saco, pão e vinho previamente consagrados e aos olhos de milhões comungou como expressão de gratidão e de confiança em Deus por tão extraordinária conquista para a humanidade. Mais tarde ele próprio diria: «questionei-me se seria possível tomar a comunhão na lua, simbolizando o pensamento de que Deus se estava também ali a revelar, no momento em que o homem alcançava o universo».

Este episódio histórico que visualizei pela primeira vez aquando da celebração dos 50 anos da ida à Lua (1969-2019), remete-nos para a dimensão nova de espiritualidade, oração e de relação com Deus, que Cristo nos ofereceu com a sua Ascensão aos céus (Atos 1,9) e com a promessa cumprida da dádiva do Espírito Santo para a vida de cada pessoa (Lucas 24,49). A Ascensão de Jesus e a sua consequente ausência física e visual, longe de consti-

tuir uma perda converte-se numa possibilidade de relação oferecida agora, não só aos discípulos em Jerusalém, mas também aos de todos os tempos e lugares, mesmo aos que estão na Lua.

Na Sua sabedoria e Amor Jesus torna-nos suas testemunhas: «São vocês as testemunhas destas coisas» (Lucas 24,48). Com a Ascensão recebemos o encargo de sermos Suas testemunhas. Jesus ressuscitado já não é deste mundo e entrega-nos a Sua missão. Neste sentido, e como muito bem soube fazer o astronauta Aldrin, há momentos da vida que pelo seu particular sentido, beleza e originalidade se podem transformar em oportunidades de testemunho vivo, bastando para tal, recolhermo-nos perante a transcendência e assumirmos um coração grato e reconhecido por tudo aquilo e que é muito, que Deus nos vai prodigalizando.

A verdadeira espiritualidade nasce da gratidão e da disponibilidade para acolher e viver cada momento e experiência da vida como um dom que nos é oferecido. E o verdadeiro testemunho leva-nos naturalmente a partilhar com os outros tudo o que brota de um coração que se sente amado e reconhecido a Deus.

Obrigado Buzz Aldrin, meu irmão em Cristo!

+ Jorge

Ó Deus,
que fizeste o Universo e tudo que ele contém,
nós te agradecemos a perícia e os talentos
que nos permitem explorar os mistérios da Criação.
Dá-nos a vontade de cuidar de todas as coisas que fizeste
e usar as riquezas do nosso próprio mundo
para o bem de todos,
por Jesus Cristo nosso Senhor.
Ámen.

(Oração da Igreja de Inglaterra no 50º aniversário da ida à Lua)



Batismos exprimem diversidade cultural e linguística

A 26 de Maio e a 14 de Julho do corrente ano realizaram-se na paróquia de S. João Evangelista (Torre – Vila Nova de Gaia) os batizados respectivamente de Pedro João Waszczuk Pina Cabral e de Óscar David Karlan Azevedo.

O Pedro tem 2 anos de idade e é filho de João Filipe Pina Cabral e de Marta Waszczuk Pina Cabral. O Óscar tem 5 anos de idade e é filho de Bruno Emanuel Vilarinho Azevedo e de Rima Karklina Vilarinho Azevedo. Ambos os batismos foram realizados no contexto da eucaristia dominical com a presença de muitos familiares, amigos e membros da comunidade.

O batismo do Pedro João teve a presença de familiares e amigos da Polónia terra natal de sua mãe Marta e foram padrinhos Sofia Serronha de Pina Cabral e Piotr Waszczuk. Os padrinhos do Óscar David, Krists Polakovs e Annika Davidson são da Letónia terra natal de Rima mãe do Óscar.

Ambos os batismos exprimem deste modo a diversidade cultural e linguística que caracteriza a Igreja de Cristo e que hoje está presente na comunidade de S. João Evangelista.



Paróquia do Salvador do Mundo

Batismo de Adulto e Ação de Graças pelo 50º aniversário de casamento

Em Maio passado, recebemos num Culto Dominical, a visita do casal Delfim e Adelaide Martins, que durante o Pastoreio dos Rev^{os} Fernando Araújo e Telmo Silva, participaram em Celebrações Dominicais e realizaram várias cerimónias na Igreja: casamentos e batizados, sempre que visitavam Portugal, dado que foram durante muitos anos emigrantes na Irlanda. Atualmente, Delfim e Adelaide, vivem em Portugal, mas a maior parte da família reside e trabalha na Irlanda.

Após contato com o Pároco, Rev^o Sérgio Alves, iniciou-se um tempo de preparação, com períodos de oração e organização conjunta da Celebração de Ação de Graças pelo 50º aniversário de Matrimónio e, num desses encontros, a seguir à Oração da Manhã, realizada às quartas-feiras, fomos surpreendidos com o desejo de Daniela Gomes, neta do casal, estudante universitária na Irlanda, em ser Batizada, durante a Ação de Graças pelo Casamento dos Avós, que segundo ela, são os seus “pilares” do seu crescimento na Fé em Jesus Cristo.

A Celebração, teve lugar no dia 20 de julho e contou com a presença de muitos familiares e alguns membros da Comunidade.

Na particularidade da situação, fomos capazes de acolher e criar oportunidade de missão e inclusividade, procurando fazer o que nos diz a Palavra no Evangelho de S. Mateus 28, 19 “*Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.*”

Peregrinar

é crescer na Fé

O Curso de educação cristã «O Peregrino», que a Igreja Lusitana, através do seu Instituto Teológico, traduziu e adaptou a partir do Pilgrim Course da Igreja de Inglaterra continua em desenvolvimento em várias comunidades da Igreja e recentemente mais dois grupos concluíram esta caminhada; um na paróquia de São João Evangelista (Vila Nova de Gaia) e um grupo do departamento diocesano de mulheres que escolheu a paróquia do Bom Pastor, também em Gaia, para as suas reuniões.

Como forma de assinalar o empenho da diocese neste programa de partilha e formação mútua na compreensão e vivência da fé cristã, foram entregues aos participantes e monitores dos grupos, certificados durante os cultos dominicais da paróquia do Bom Pastor, a 16 de junho, sob presidência do bispo emérito D. Fernando Soares, e da paróquia de São João Evangelista a 14 de julho, durante a eucaristia presidida por D. Jorge Pina Cabral, também pároco da comunidade. Em ambos os casos o significado deste curso foi salientado à comunidade e vários membros do grupo do DMIL testemunharam sobre a importância do curso para as suas vidas. Brígida Arbiol, uma das monitores, partilhou que:

«O curso Peregrino sob a orientação do DMIL iniciou em abril de 2016 e terminou em abril de 2019. Iniciou com 12 mulheres oriundas de várias paróquias e terminaram oito. Foram 3 anos de missão, compromisso, aprendizagem, reflexão, dádiva e partilha no conhecimento na vivência da fé. Saímos do curso mais ricas e mais encorajadas para dar o nosso testemunho cristão. Ficou no grupo o sentimento da necessidade destes encontros que nos ajudam a desenvolver a Fraternidade Cristã».

Também e em jeito de testemunho Matilde Fernandes outra das monitoras do grupo referiu: «Há cerca de quatro anos quando surgiu o curso “Peregrino” de imediato quis participar. Senti que era uma nova viagem a empreender, um caminho a seguir para melhor conhecer Cristo.

Desde há três anos seguimos as propostas do curso. Juntas refletimos e oramos, partilhamos ideias, o nosso modo de sentir, mas sobretudo paramos para pensar sobre a nossa Fé e o amor de Cristo. Pessoalmente, nesta peregrinação cresci ao escutar a partilha das minhas companheiras de caminho, amadureci ao olhar para dentro de mim mesma para perceber o que cada um dos textos me transmitia, senti a alegria do convívio, do encontro com as outras participantes e com Cristo, que sempre se fez presente dando-nos o seu amor e enchendo o nosso coração».



Laços históricos reforçados através da música

A convite da Igreja Lusitana esteve em Lisboa de 17 a 19 de Maio passado o Coro da Capela do Trinity College da Universidade de Dublin (Irlanda). O coro tem na sua direção o maestro Kerry Houston e como capelão o Reverendo Steve Brunn, ambos pertencentes à Igreja da Irlanda que é o ramo do Anglicanismo naquele país. A atuação do coro contemplou uma presença na Sé Catedral de Lisboa e uma participação na liturgia eucarística dominical na Catedral Lusitana de S. Paulo. Aqui foram interpretadas peças litúrgicas da autoria de Leopoldo Figueiredo renomado compositor lusitano. Ambas as performances foram seguidas atentamente por um numeroso público e estreitaram os laços ecuménicos entre as Igrejas.

A presença dos músicos entre nós deu continuidade aos laços históricos existentes entre a Igreja Lusitana e a Igreja Anglicana da Irlanda. Com efeito a Igreja Irlandesa através nomeadamente de Lord Plunket (Arcebispo de Dublin) e Lord Fitzgerald (Arcebispo de Armagh), apoiou fortemente a Igreja Lusitana desde o ano da sua fundação em 1880. Até aos anos sessenta do século XX a Igreja Lusitana, não tendo um Bispo próprio, foi presidida por um Conselho de Bispos formado pelos Bispos da Igreja da Irlanda, do México e da Igreja Espanhola Reformada Episcopal. A cultura celta comum a Irlandeses e Lusitanos e tão rica nas suas diversas expressões musicais e religiosas tem constituído também fator de profunda comunhão entre as Igrejas. O atual Arcebispo Anglicano de Dublin e Glendalough, Reverendíssimo Michael Jackson, participou como representante do Sr. Arcebispo de Cantuária na sagração do atual Bispo da Igreja Lusitana. Na sequência da visita do Trinity College foram lançados projetos que visam uma maior cooperação futura entre as Igrejas na área do tratamento dos arquivos eclesiais e na promoção de peregrinações conjuntas às raízes celtas na Irlanda.



Campos de Férias

A XXX edição dos Campos de Férias da Igreja Lusitana, marcando o ano nacional da cooperação, teve o tema «Juntos Construimos +» e decorreu de 21 a 28 de Julho na Quinta da Fonte Quente na Tocha nas instalações da APPACDM (Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental) de Coimbra. Ao todo reuniram-se 60 participantes e 15 monitores vindos dos mais diversos sítios do nosso país: Coimbra, Porto, Ribatejo, Lisboa e arredores.

Das novidades destaca-se este ano:

- A estreia de três novos monitores: Gabrielle Betancourt, Nelson David e Nicolau Osório.
- A existência de um Torneio por equipas que se realizava todas as tardes com equipas constituídas pelos maiores e mais pequenos.
- Um novo jogo nocturno de participantes VS. monitores intitulado «Assalto ao Castelo» para os grupos do 2º e 3º Campo.

Do programa habitual destacamos:

- O dia de gala com jantar especial seguido de discoteca para mais velhos e mais novos;
- Visita ao exterior das instalações, desta vez na Praia Olhos de Fervença;
- E o famoso Fogo de Campo.

A diversidade dos grupos que Deus fez cruzar com a nossa Igreja neste campo, nomeadamente de pessoas de etnia cigana e pessoas com deficiências especiais, contribuiu para uma maior vivência da Fé e proximidade com os valores de Cristo estando junto daqueles que por motivos externos são colocados à parte da sociedade. Os participantes tiveram oportunidade de estar lado a lado tratando-os como irmãos que são. Num dos dias houve a oportunidade de fazer actividades com o grupo de um dos núcleos regionais da APPACDM que lá passava férias. Cantar, fazer coreografias e passagem de modelos atravessando um pano colorido, foram algumas das actividades que encheram os corações de todos que deram e receberam.

Os estudos bíblicos colocaram a semente de que precisamos uns dos outros, no interior de todos os participantes e monitores. Deus fez-nos parte do Corpo de Cristo, e este é o seu magnífico plano dado que sozinhos nada faz sentido.

Para o ano há mais, fica o desejo do encontro dos campos de férias, os encontros do SJIL e pequenos encontros aos Domingos no culto que fazem acalmar a saudade de todos que fizeram parte da XXX Edição dos Campos de Férias da Igreja Lusitana.

Agradecemos a todos os que tornaram a actividade dos Campos possível fazendo que tantos e tantas conheçam Cristo pela primeira vez apesar da maior ou menor capacidade financeira das famílias. O trigésimo aniversário é uma homenagem para todos vós também.



Testemunhos

Após 9 anos de campos de férias chegou a minha vez de ter a oportunidade de dizer o que é viver esta semana. Todos os anos há sempre uma coisa em comum, revejo amizades que gosto imenso e faço novas que ficam para o resto da vida na memória. Este ano, o tema foi "juntos construimos +", onde aprendi que momentos felizes nunca são passados sós, que para construir o Reino de Deus temos de nos unir, de desconstruir preconceitos olhando para eles e refletindo sobre os mesmos, perceber aquilo que está por de trás das histórias únicas de cada um, criando empatia e, por fim, saber comunicar adaptando-nos às situações em que nos encontramos. Antes e durante as partilhas em pequenos grupos fizemos diversas dinâmicas, sendo que aquela de que gostei mais foi a que me fez aprender que não é preciso destruir os sonhos de alguém para conquistar os nossos, pelo contrário, até podemos conquistar os nossos sonhos enquanto ajudamos outras pessoas a conquistarem os seus.

Sara Costa (16 anos)

Na semana de 21 a 28 de julho de 2019 participei, mais uma vez, no Campo de Férias da Igreja Lusitana, que foi na Tocha. No dia 21 encontramos-nos no Torneio e fomos de Camioneta para a Tocha. Estávamos todos muito felizes, porque tinha chegado a altura do campo de férias. Eramos 73 participantes e monitores a viver como uma grande família. Nesta semana gostei de tudo o que fizemos, pois fizemos muitas actividades. Só senti falta das canoas e do nosso amigo Fernando que faleceu. Fizemos o torneio "Juntos somos +", vários jogos de água e outras actividades divertidas. O que gostei mais foi de nadar na piscina e fazer jogos com pessoas com deficiências, que estavam no mesmo espaço que nós. Neste campo de férias aprendi que "JUNTOS CONSTRUÍMOS MAIS", porque sozinhos não conseguimos fazer as coisas tão bem e juntos podemos levar Jesus aos corações dos outros.

João Alves (8 anos)





Ordenação de Diáconos

E vós quem dizeis que eu sou?

No passado dia 29 de Junho 2019, Festa de S. Pedro e S. Paulo, pelas 15.00h, estando repleta de Membros e Amigos da Igreja Lusitana e dos ordinandos e também de convidados, realizou-se na Catedral de S. Paulo da Igreja Lusitana, em Lisboa, a Ordenação ao Ministério Diaconal dos leitores Jaime Dias, da Igreja Lusitana de S. João Evangelista – Torne, Vila Nova de Gaia; Pedro Fernandes, da Igreja Lusitana do Redentor no Porto, e de Sérgio Paulo Cabaço, da Igreja Lusitana de S. Tomé, Castanheira do Ribatejo.

Esta Celebração foi presidida pelo Bispo Diocesano, D. Jorge Pina Cabral, que foi assistido pelo Sr. Bispo Emérito D. Fernando da Luz Soares rodeados pelo Clero da Igreja Lusitana, leitores e acólitos. Toda a Cerimónia decorreu com a dignidade Litúrgica, Sacramental e Canónica que caracteriza a Igreja Lusitana, mas também com Alegria e espírito de Acção de Graças a Deus por este dia e em especial pelo chamamento e disponibilidade destes três nossos irmãos para o ministério de diáconos.

Para esta alegria e louvor a Deus contribuíram também o Coro do Arciprestado do Norte e o Coro da Igreja de S. Tomé, cada um tomando para si alternadamente o em-

belezamento da Liturgia com Hinos, Coros e Música Litúrgica apropriada a partir da obra original do Livro “Cânticos Espirituais” do Dr. Leopoldo de Figueiredo.

A homilia do Bispo diocesano sustentou-se nos textos próprios da festa litúrgica celebrada e em especial na pergunta de desafio dirigida por Jesus aos seus discípulos: «E vocês? Quem acham que eu sou?» (Mateus 16,15). Referindo-se ao chamamento subjacente a qualquer vocação ministerial D. Jorge sublinhou: “É precisamente aqui que percebemos o sentido do chamamento ao ministério ordenado e no contexto de hoje ao ministério de Diácono. Verdadeiramente Deus só se nos pode revelar através de questionamentos que nos ajudem a crescer e que suscitem uma resposta dada em liberdade e em amor. (...) O perguntar de Jesus a Pedro não temos dúvidas que também se repetiu e irá muitas vezes repetir no caminhar de vida do Jaime, do Pedro e do Sérgio: «E vós quem dizeis que eu sou?». É um questionar de amor que será respondido ao longo de uma vida e através de múltiplas formas. A disponibilidade que os três manifestaram e que hoje celebramos é já em si uma resposta que naturalmente é fruto de um caminhar passado e que abre desde já para um futuro a descobrir que passará

também pelo tomar da Cruz, negar-se a si mesmo e seguir a Jesus. E o que podemos hoje afirmar a cada um deles é que não estarão sozinhos no seu caminhar ministerial. A Igreja que somos irá apoiá-los e sustentá-los em oração e solicitude fraterna.”

À homilia seguiu-se a apresentação dos Candidatos estando o Bispo sentado na sua Cátedra, após o que leram e assinaram a sua Declaração de Fé e Obediência Canónica, confessaram a sua Fé na Revelação através das Sagradas Escrituras, nas Doutrinas da Igreja, fidelidade ao Bispo, comprometeram-se na Oração, no exemplo da vida de Cristo e a procurar a Paz e a Caridade entre todos os cristãos. Depois da Litanía, e continuando os candidatos ajoelhados o Bispo entoou o Hino “Veni Creator Spiritus”. Seguiu-se um momento de um silêncio extraordinário que antecedeu o rito próprio da Ordenação.

A cada um dos Ordinandos foram impostas as mãos dos Bispos (expressão do episcopado histórico e da apostolicidade da Igreja) e as mãos dos restantes Presbíteros (sinal da colegialidade do ministério ordenado). Depois de entregue a cada um uma Bíblia e imposta a Estola foram muito entusiasticamente saudados por toda a Igreja presente. Na continuidade também receberam lembranças em nome do Arciprestado do Sul e do Departamento de Mulheres.

A Celebração foi concluída com a Liturgia da Celebração da Sagrada Eucaristia e encerrou com o Hino “Sempre fieis, sim, a Ti nós seremos”, durante o qual a Igreja se retirou da

Catedral assumindo a promessa de contínua Fidelidade a Deus, à Igreja e ao Próximo.

O Novo Despertar congratula-se com estas Ordenações e dá graças a Deus por ter sido testemunha deste dia de grande alegria, Fé e crescimento da nossa Igreja.

Seguiu-se um momento de Convívio entre todos os presentes e no qual, em particular, os novos Diáconos puderam ser cumprimentados de forma mais pessoal por todos.

Oramos para que Deus guarde e abençoe estes nossos Irmãos e os seus Ministérios para que, as Igrejas que irão servir, as suas famílias, amigos e colegas sejam abençoados e cheguem ao conhecimento de Cristo.



Jaime Amadeu Lopes Ribeiro Dias



A função diaconal confere uma dimensão importante de serviço ao próximo.

A ligação da minha família à Igreja Lusitana começa com a minha avó materna e suas irmãs, que frequentaram a Escola do Torne e a Escola Dominical e aí fizeram a 1ª Comunhão. Possuo uma bíblia da tradução Figueiredo com uma dedicatória à minha avó escrita pelo do Rev. Diogo Cassels: “Oferecido a Emília Couto Alves da Silva como lembrança da sua 1ª Comunhão pelo ministro Diogo Cassels – 8 de Abril de 1917”. Fui batizado na Igreja Católica Romana mas aos 6 anos matriculei-me na Escola do Torne onde todas as manhãs orávamos e cantávamos, ou a estrofe de um hino ou o refrão “Oh! Que Paz Jesus me dá”.

A construção do meu caminho de Fé tem por base a vivência e percurso na Igreja Lusitana, da Escola Dominical, às atividades do DJIL, que incluíam os “Cultos de Jovens”, e dos encontros internacionais que trouxeram uma dimensão ecuménica e inclusiva da Igreja, que nos ajuda a evitar fundamentalismos contrários à mensagem de Jesus. Em 34 anos como Leitor Litúrgico fui chamado a várias paróquias para dirigir o serviço de Oração da Manhã com pregação e a acolitar o Ministro. Frequentei o Curso Básico de Teologia; encontros-formação promovidos pelo Bispo Diocesano, o primeiro ano do curso de Teologia do IEAT; e atualmente frequento o curso de ensino à distância: “Imersão no Anglicanismo”.

O percurso de Fé descrito até agora deixou a semente germinar no meu íntimo. Há um ou dois anos não sentia o desejo de integrar o Clero da Igreja. Agora não seria justo colocar em causa essa condição. Fui – de novo – desafiado para o Ministério Ordenado pelo D. Jorge. Desta vez, senti a chamada...! Estaria o argumento mais bem preparado e mais convincente, ou estaria eu mais preparado? Acredito que ambos! “O vento sopra onde quer; ouves-lhe o ruído, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai. Assim acontece com aquele que nasceu do Espírito.” (João 3,8).

Em termos de caminhar futuro continuarei a ter a mesma função: participar na Presidência dos Cultos no Arciprestado do Norte e na direção da Oração da Manhã. Como Diácono, algumas coisas mudarão. Ser Diácono, permite-me celebrar batizados e matrimónios, e fazer parte do Clero da Igreja responsabiliza-me, porque, a partir de agora, o que eu possa dizer em público vincula a “Igreja Lusitana”. A função Diaconal confere uma dimensão importante de serviço ao próximo, assim reestruturarei o meu ‘calendário’ de forma a dedicar um tempo semanal à visitação aos doentes e aos irmãos mais fragilizados ou afastados. Continuarei com encontros de Estudo Bíblico, e com os encontros do Peregrino que tenho codirigido.

Pedro Miguel Raimundo Fernandes

Nasci no seio da Igreja Lusitana. A família da minha mãe frequentou a Igreja Lusitana praticamente a partir do momento da sua existência. De modo particular e pessoal, a avó materna foi membro da comunidade da Paróquia do Bom Pastor, onde casou em 1926, e lá foi batizada a minha mãe. Por circunstância várias, e de ordem geográfica, a minha mãe passou a ser membro de S. João Evangelista (Torne), onde o meu irmão e as minhas irmãs foram batizados, e posteriormente, passou a pertencer à Paróquia do Redentor. Eu, porque era bem mais novo fui batizado já no Redentor.

Dá-se o caso curioso de estar também ligado à igreja pelo lado da família do meu pai, na medida que este, Henrique e o seu irmão Jorge, casaram com duas jovens da Igreja Lusitana. A partir daí todo o meu percurso, é comum a todos que fazem o seu percurso de educação e formação religiosa, nesta paróquia. Frequentei a Escola Dominical, recorde em particular o Sr. Lobo. Fui admitido à Sagrada Eucaristia, preparado, para o efeito, pelo Rev. Carlos Duarte, que na era Co-adjutor da Paróquia. Em meados dos anos 90, passei a fazer parte da Junta Paroquial, desafiado pelo Sr. José Mendes dos Santos e pelo Rev. Telmo Silva. Nessa altura casei-me pela primeira vez, e batizei o meu filho mais velho, Diogo.

Foi o período em que até, 2004, fui secretário do Sínodo, da Comissão Permanente e do Arciprestado do Norte. Entre 2004 e 2009, afastei-me de cargos de responsabilidade por questões pessoais. Mas nunca deixei de ser membro assíduo da paróquia. Regressei à Junta Paroquial em 2009, casei pela segunda vez em 2010, fui instituído Leitor em 2012, e em 2013 foi batizado, o meu filho mais novo, Rodrigo. Desde 2012 que sou membro do Conselho Fiscal da Igreja Lusitana.

O meu discernir vocacional assentou num processo de aprofundamento da relação, apoiado no exemplo do trabalho desenvolvido em comunidade. Há sempre um ou outro fator que nos desperta de em especial, neste caso os desafios que o Rev. Telmo me foi colocando ao longo dos anos de convivência, foram fulcrais para o despertar do meu chamado. Depois, juntamente com uma consciência de responsabilidade e compromisso, fui espiritual e interiormente estimulado pela família, pela comunidade e numa outra fase pelo Bispo D. Fernando, pessoa de quem sempre admirei a sua dedicação, entrega e capacidade de mobilização de todos aqueles que o ouvem. Recentemente, o contacto mais direto com o Bispo D. Jorge, mesmo antes da sua Sagração, o acompanhamento do seu percurso, caminho de missão e o modo como lida com as diferentes circunstâncias, por mais difíceis que elas sejam, foi um fator decisivo para aceitar servir a Deus, desta forma.

Em termos objetivos, não sei exatamente o que vai alterar na minha vida daqui para a frente. O que tenho a certeza e plena consciência é que na manifestação de disponibilidade que dei ao Bispo D. Jorge, tudo pode acontecer e mudar. Além disso, é o facto de saber que o compromisso ficou mais aprofundado e que isso obriga a maior atenção, presença, acompanhamento e assistência.



O compromisso ficou mais aprofundado e obriga a maior atenção, presença, acompanhamento e assistência.

Sérgio Paulo Cunha Cabaço



O meu caminhar na Igreja foi incentivado pela abertura que existe na paróquia de S. Tomé em Castanheira do Ribatejo, com uma visão muito peculiar evangelizadora e espírito comunitário, que era orientado pelo Rev. Joaquim Ribeiro e pelo D. Bispo Luís Pereira. Ao longo do tempo, em muitas vertentes envolvi-me na missão da Igreja. Deram-me oportunidade de exprimir a vivência pessoal com Cristo, partilhar a fé localmente e com outras igrejas – este percurso enriqueceu a minha fé no meio evangélico. Apercebi-me da importância de Jesus não teórico, mas real e vivencial. Isto aconteceu-me aos 17 anos, num acampamento de Jovens, onde pela ação do Espírito despertamos para essa realidade. Considero uma experiência sobrenatural, em que me senti mais comprometido, e uma chamada para O servir que nunca tinha tido verdadeiramente.

Recordo S. Paulo no caminho de Damasco, experimentando um encontro com Jesus, que o confrontou e falou – afirmo que foi um encontro semelhante. Cristo falou ao meu coração de forma particular, emotiva e real. E tudo mudou. Comecei a viver Jesus na minha vida, e para os outros, colaborando na Igreja com mais comprometimento. Comecei a viver a fé e a Igreja de forma mais espiritual e responsável, a partir da “minha” estrada de Damasco! Desde essa experiência que desejo servi-lo mais. Senti que a Ele, que me chamou, tinha que dizer “sim”, entregar-me com gratidão, submissão e resposta concreta. Se a sua Cruz foi um sinal de amor incondicional por mim, então só lhe poderia dizer: “Estou Aqui! Eis-me aqui!”.

O chamamento de Deus na minha vida foi gradual. Tudo o que fiz ao longo dos anos foi a forma de Jesus me chamar para concretização este “acessar” e para O servir de forma comprometida. Olhando para a “Seara” que é grande, poucos são os que nela trabalham. O Mestre chamou-me para essa tarefa, Ele e a Igreja necessitam de obreiros. O Mundo necessita de quem testemunhe da Sua Palavra. Tinha esta convicção, hoje dou graças a Deus pela sua concretização!

Continuarei a ser eu mesmo, o mesmo entusiasmo e convicções. O “estatuto” de Diácono torna-me mais responsável para assumir outras funções, num caminho mais desafiante, mas o caminho da fé continua, sem cessar. Tenho consciência que a Ordenação é um ato de compromisso não só com a Igreja, mas sobretudo com Deus. Terei alegrias e tristezas, mas isso faz parte do pertencermos a Cristo. O modo como levamos a nossa cruz, é o modo como chegamos ao fim da nossa missão. Levar a Cruz é levar contrariedades e desafios, porque no fim do caminho está a alegria da vitória, e do trabalho cumprido lealmente. Esta chamada dá-me um maior sentido de responsabilidade no serviço, no acompanhamento dos necessitados, no testemunho da Palavra e na colaboração no Culto. Tenho a noção que estou mais apto para servir a onde for necessário. Neste sentido há uma alteração na minha forma de servir. Aquando da imposição das mãos e da invocação do Espírito Santo no momento da Ordenação, senti que a partir dali eu era “um dos escolhidos”. Recordei-me do livro de Atos, quando a Igreja ora por novos colaboradores.

Tenho a noção de que estou mais apto para servir aonde for necessário.





Novo Bispo para a Igreja Episcopal Americana na Europa

Mark Edington tornou-se o XXVI Bispo da Convocação das Igrejas Episcopais na Europa ao ser sagrado a 6 de Abril passado na Catedral Americana da Santíssima Trindade em Paris. A cerimónia de sagração e de investidura foi presidida pelo Bispo Presidente e Primaz da Igreja Episcopal (Estados Unidos da América) Michael B. Curry. Seis bispos atuaram como co-sagrantes e mais 35 bispos estiveram presentes, entre eles o Bispo da Igreja Lusitana, D. Jorge Pina Cabral.

Estiveram ainda presentes 70 padres entre homens e mulheres e cerca de 315 membros das diversas comunidades da Convocação espalhadas pela Europa. A cerimónia revestiu-se de uma grande dignidade e beleza litúrgica e foi celebrada em várias línguas como expressão da rica diversidade cultural e linguística presente nas comunidades episcopais.

O novo Bispo sucede ao Reverendíssimo Bispo Pierre Whalon que esteve cerca de 18 anos à frente da Convocação Americana na Europa e se revelou um grande amigo e companheiro da Igreja Lusitana que visitou por diversas vezes. A Convocação das Igrejas Episcopais na Europa é uma das quatro jurisdições anglicanas presentes na Europa Continental juntamente com a Diocese na Europa da Igreja de Inglaterra e as Igrejas Lusitana em Portugal e Reformada Episcopal em Espanha.

Os bispos destas jurisdições formam o Colégio de Bispos Anglicanos na Europa e reúnem-se regularmente para tratar de assuntos de Missão. O Bispo Lusitano é Bispo assistente da Convocação Americana.



ACC 17 - HONG KONG

Tempo vibrante e rico de Comunhão eclesial

De 28 Abril a 5 de Maio passado esteve reunido em Hong Kong o Conselho Consultivo Anglicano na sua 17ª edição (ACC 17). Mais de 100 participantes representando as diferentes Igrejas da Comunhão Anglicana estiveram presentes bem como convidados ecuménicos. Entre os participantes e a convite do sr Arcebispo de Cantuária esteve presente o Bispo da Igreja Lusitana que participou nas diversas sessões do programa tendo coordenado um workshop dedicado à Rede Lusófona da Comunhão Anglicana.

O tema do intenso programa diário incluiu estudos bíblicos, apresentação e discussão de relatórios e resoluções bem como a realização de serviços eucarísticos. Houve ainda oportunidade de visitar e conhecer mais sobre a vibrante Missão desenvolvida pela Igreja Anglicana em Hong Kong nomeadamente nas áreas da saúde e da educação. O tema do encontro: «Equipar o povo de Deus. Ir mais além no Discipulado Intencional» permitiu um aprofundamento da visão e compromisso na área do Discipulado.

Das muitas resoluções aprovadas destaque para a resolução relativa à «Igreja Segura» que visa a implementação nas diferentes Igrejas e países de protocolos que promovam a segurança de crianças, jovens e adultos vulneráveis. Foram tomadas posições nas áreas da Justiça de Género, Resiliência Climática e desenvolvimento sustentável entre outras.

Foram também diversas as declarações públicas assumidas manifestando apoio e oração às Igrejas que em diversas partes do mundo vivem desafios diversos e sofrem perseguições. Em jeito de reflexão D. Jorge Pina Cabral expressou a sua alegria pela riqueza vivida no encontro e partilha com cristãos que dão o seu testemunho de fé por vezes em contextos muito adversos. Salientou também a enorme diversidade linguística e cultural que hoje caracteriza a Comunhão Anglicana e que a faz verdadeiramente uma comunhão eclesial de nível mundial. Nota ainda para a extrema simpatia, carinho e capacidade de organização revelados pela Igreja de Hong Kong no acolhimento de tão significativo evento.





Direitos Humanos

VI Escola de Verão

Liberdade de Expressão

Teologia e Populismos

Realizou-se em Lisboa, entre os dias 17 e 20 de Junho, a 6ª Escola de Verão dos Direitos Humanos da Conferência das Igrejas Europeias – CEC, que tem como objectivo formar as novas gerações para os assuntos ligados com os Direitos Humanos, liberdade de expressão e populismos. A Escola este ano foi organizada em cooperação com o Conselho Português de Igrejas Cristãs – COPIC.

Procurando ter uma dimensão ecuménica, esteve representada a Conferência Episcopal Portuguesa através do Bispo D. Manuel Felício e a Aliança Evangélica Portuguesa pelo seu presidente o Dr. António Calaim.

Como participantes da Igreja Lusitana estiveram as jovens Catarina Sá Couto, Inês Sá Couto e Gabrielle Betancourt (na foto). Em representação do Secretariado Executivo para os Direitos Humanos da CEC esteve a Dra. Elizabeta Kitanovic; o Presidente da CEC Rev. Christian Krieger. Da parte da Igreja Lusitana o Rev. Sérgio Alves foi o elemento de contacto deste evento e a Rev.ª Abilenia Fischer fez parte da equipa de acompanhamento.

Na sessão de abertura do encontro, o Bispo da Igreja Lusitana, na sua qualidade de Presidente do COPIC deu as boas-vindas aos cerca de 50 participantes de diversas nacionalidades, origens religiosas e étnicas presentes.

Na sua saudação afirmou: “O COPIC, fundado em 1971 propõe-se nos seus objectivos velar pelo respeito dos Direitos Humanos e em particular pelo respeito do Direito da Liberdade Religiosa (...) sempre o fez com a consciência de que na sociedade portuguesa e no Portugal democrático não pode haver verdadeira liberdade e promoção dos Direitos Humanos sem existir verdadeira liberdade religiosa que permita a cada cidadão a liberdade de consciência, de religião e de culto. (...) Mas não basta no tempo de hoje o reconhecimento e a existência de direitos, e tal como referiu o escritor José Saramago: Reivindicuemos também o dever dos nossos deveres.

O crescimento dos movimentos populistas e totalitários na Europa é proporcional ao decréscimo da participação cívica na sociedade. (...) Por isso é que é tão importante estarmos hoje aqui reunidos...Faço votos para que cada um possa sair

deste Encontro mais enriquecido e socialmente mais comprometido, com a sua Igreja; na Universidade; na Família; no trabalho e se for o caso na sua participação na vida política. Desejo que estes dias sejam abençoados por Deus e reforcem laços de amizade e de fraternidade entre nós, que somos irmãos em Cristo”.

No encerramento foi lido um Comunicado Final do qual destacamos as seguintes declarações: “A inspiração para o nosso debate teve a premissa da Carta aos Efésios: “Seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça: Cristo” (Efésios 4:15-17). Assim, os participantes durante estes dias, debruçaram-se sobre a crescente falta de respeito na defesa dos Direitos fundamentais para a liberdade de expressão, e repudiam todo e qualquer discurso de ódio. Reforçou-se a convicção da raiz comum da nossa humanidade e a dignidade de cada indivíduo.

Reforçou-se a necessidade crescente de um diálogo informado e factual que procure soluções adequadas para as crescentes complexidades políticas. Nesta Escola de Verão dos Direitos Humanos os participantes expressaram a sua preocupação acerca dos discursos do ódio, cada mais encorajados e empregues por populistas que querem agitar grupos uns contra os outros, visando sucessos políticos em detrimento da pacificação. (...) Atitudes xenófobas, estigmatização das minorias raciais, de cor, origem, etnia, religião, incapacidade ou género, anti-semitismo, islamofobia, cristianofobia, ou outros grupos minoritários geram e resultam sempre em mais violência. (...)



No conjunto dos Oradores participaram também o Dr. Pedro Calaim, Alto-comissário para as Migrações; a Dra Tatiana Peric, Conselheira da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa para o Combate ao Racismo e Xenofobia, o Prof. Jónatas Machado, do Centro de Direitos Humanos da Universidade de Coimbra e outros especialistas de organizações Muçulmanas e Judaicas.

No final, o Presidente da CEC, Rev. C. Krieger afirmou: “num tempo de populismo crescente, é necessário combater o ódio que tem por base a religião ou a fé e isso é uma responsabilidade que todos devemos assumir. É o que a CEC está empenhada em fazer, internamente entre os seus membros e em parceria com outros agentes importantes.”

O COPIC subscreve inteiramente as conclusões da 6ª Escola de Verão dos Direitos Humanos.

Declaração da Justificação pela Fé

20º Aniversário

A “Declaração Conjunta” como ficou conhecida e que foi assinada em Augsburg (Alemanha) no ano de 1999 entre a Federação Mundial Luterana e a Igreja Católica Apostólica Romana sobre a Doutrina da Justificação pela Fé, representou uma histórica superação das divisões que emergiram no século XVI com a Reforma Protestante.

A pedagogia do Documento investiu no tratamento individual que cada Igreja dá às questões, seguida de uma declaração conjunta acerca da mesma questão. Chamamos à atenção o primeiro parágrafo do Preâmbulo que é muito lúcido ao lembrar que as “...condenações mútuas vigoram até hoje e têm efeito divisor entre as Igrejas.”

O que se conseguiu foi o lançamento de bases sólidas para a resolução destas condenações sendo esse o primeiro objetivo do documento. O impacto ecumênico desta Declaração que celebra agora o seu 20º aniversário abriu caminho para a celebração conjunta dos 500 anos da Reforma Protestante em 2017 e fez-se sentir ao nível de outras comunhões eclesiais. Com efeito, este texto ecumênico foi subscrito pelo Conselho Mundial Metodista em 2006 e pela Comunhão Mundial das Igrejas Reformadas em 2017. Em Abril de 2016 o Conselho Consultivo Anglicano reunido em Lusaka (Zâmbia) «acolheu e afirmou» a substância da Declaração conjunta.

Não nos sendo possível aqui reproduzir todo o seu conteúdo, o Novo Despertar selecionou alguns parágrafos importantes para realçar o impacto positivo desta Declaração no movimento Ecumênico não esquecendo que, segundo o texto, as Igrejas comprometeram-se a continuar a dialogar e a aprofundar os seus conteúdos.

(Por questões de espaço abstermo-nos de incluir as citações Bíblicas que sustentam os diferentes parágrafos.)

A Mensagem Bíblica da Justificação

“No Antigo Testamento ouvimos a palavra de Deus sobre o “pecado e a desobediência do género humano”, e sobre a Sua justiça e o Seu juízo (...) No Novo Testamento justiça e justificação são abordados de formas diferentes quer pelos Evangelhos quer em especial por Paulo, e são já descritas como “libertação para a liberdade”; “reconciliação com Deus”; “paz com Deus”; “Nova criação” ou “santificação em Cristo Jesus”. (...) Assim, Justificação é perdão dos pecados, libertação do poder dominante da

morte e da maldição da lei e as pessoas assim justificadas vivem a partir da fé que provém da palavra de Cristo e que atua no amor, que por sua vez é um dos frutos do Espírito Santo”(...).

A Doutrina da Justificação como problema Ecumênico

“No século XVI, a interpretação e aplicação da mensagem bíblica da justificação constituíram uma das causas principais da divisão da Igreja Ocidental, o que se expressou em condenações doutrinárias. Por isso, para superar a divisão na Igreja, uma compreensão comum da justificação é fundamental e indispensável. (...) Deste modo a presente Declaração pode formular um consenso acerca das verdades básicas desta Doutrina porque as condenações doutrinárias do Séc. XVI não mais se aplicam hoje às partes envolvidas”.

A compreensão comum da Justificação

“Confessamos juntos: somente por Graça, na Fé na obra salvífica de Cristo, e não por causa dos nossos méritos, somos aceites por Deus e recebemos o Espírito Santo que renova os corações e nos capacita e chama para as boas obras.”

Incapacidade e pecado humanos face à justificação

“Confessamos juntos que o ser humano depende completamente da Graça salvadora de Deus. A liberdade que ele possui não é uma liberdade em relação com a Salvação, isto significa que, como pecador, ele se encontra sob o juízo de Deus, sendo por si só incapaz de se voltar para Deus em busca de Salvação, ou de merecer a sua justificação perante Deus, nem de alcançar a Salvação pela sua própria capacidade. Católicos e Luteranos declaram em conjunto que a justificação acontece somente por Graça de Deus.”

Justificação como perdão dos pecados e ato de tornar justo

“Confessamos juntos que Deus por graça, perdoa ao ser humano pecador e o liberta ao mesmo tempo do poder escravizador do pecado e lhe oferece uma nova vida em Cristo, e que quando o ser humano tem parte com Cristo pela fé, Deus não lhe imputa o seu pecado e que pelo Espírito Santo, opera nele um amor ativo” (...).



Justificação pela fé e pela Graça

“Confessamos juntos que o pecador é justificado pela fé na ação salvífica de Deus em Cristo e que essa salvação lhe é oferecida pelo Espírito Santo no Batismo como fundamento de toda a sua vida cristã”.

A pessoa justificada como pecadora

“Confessamos juntos que no Baptismo o Espírito Santo une a pessoa com Cristo, justifica-a e realmente a renova. (...) Não está no entanto isenta de uma luta vitalícia contra Deus em termos da cobiça egoísta do velho Adão (...), por isso todo crente justificado precisa de pedir, como no Pai-nosso, a cada dia o perdão de Deus e por isso é constantemente chamado à conversão e ao arrependimento e continuamente recebe de Deus esse perdão que busca. (...) Quando porém a pessoa justificada se separa voluntariamente de Deus, não basta voltar a observar os mandamentos, precisa de receber pela reconciliação, o perdão e a paz pela palavra do perdão que lhe é conferida por força da obra reconciliadora de Deus em Cristo”.

Lei e Evangelho

“Confessamos juntos que o ser humano é justificado na fé no Evangelho independentemente das obras da fé. (...) Confessamos ao mesmo tempo que os mandamentos de Deus permanecem em vigor para a pessoa justificada e que Cristo, na sua palavra e na sua vida, expressa a vontade de Deus, que constitui o padrão de conduta para a pessoa justificada”.

Certeza da Salvação

“Confessamos juntos que os crentes podem confiar na misericórdia e nas promessas de Deus, e que em face da sua própria fraqueza e das muitas ameaças para a sua fé, podem sentir-se seguros, graças à morte e Ressurreição de Cristo, na promessa eficaz da Graça de Deus em palavra e sacramento e, assim ter certeza desta graça.”

As boas obras da pessoa justificada

“Confessamos juntos que as boas obras, que são uma vida cristã em fé, esperança e amor, se seguem à justificação e são frutos da justificação, quando a pessoa vive em Cristo e atua na Graça recebida e por isso, bíblicamente falando, produz bom fruto. Essa consequência da justificação é ao mesmo tempo uma obrigação a ser cumprida por todo o cristão, na medida em que luta contra o pecado toda a vida...”.

O significado e o alcance do consenso obtido

“Esta compressão da Doutrina da Justificação exposta na Declaração mostra que entre Luteranos e Católicos Romanos existe um consenso sobre as verdades básicas desta Doutrina. (...) Com isto as condenações doutrinárias do Séc. XVI no que diz respeito à Doutrina da Justificação pela Fé aparecem sob uma nova luz (...) embora elas conservem em todos nós o significado de “advertências salutares...” , este nosso consenso necessita de surtir efeitos e comprovar-se na vida e nas doutrinas das Igrejas.

Ainda existem questões de importância que exigem esclarecimentos, como por exemplo a relação entre a Palavra de Deus e a Doutrina Eclesiástica, a própria Doutrina sobre a Igreja, sobre o exercício da Autoridade na Igreja, Ministérios e Sacramentos e Justificação e ética social. (...) As Igrejas Luteranas e a Igreja Católica Romana continuarão a empenhar-se por aprofundar esta compreensão comum e a fazê-la frutificar na doutrina e na vida eclesiais.

Damos Graças ao Senhor por este passo rumo à superação da divisão da Igreja e rogamos ao Espírito Santo que nos conduza para aquela unidade visível que é a vontade de Cristo”.

MÁRIO CLÁUDIO

Tríptico da Salvação

ROMANCE

Bispo da Igreja Lusitana apresenta livro

No passado dia 17 de Julho, pelas 18.30, na Biblioteca Almeida Garrett no Porto, realizou-se o lançamento público, do mais recente livro do escritor Mário Cláudio. Com o título “Tríptico da Salvação”, esta obra para além da sua dimensão criativa e ficcional, celebra também os 50 anos de carreira literária do escritor portuense. No painel de apresentação estiveram o autor, a representante da editora Dom Quixote, Dr^a Maria do Rosário Pedreira, o Cónego Professor Jorge Teixeira da Cunha da Igreja Católica Romana, e a convite expresso do escritor, o Bispo da Igreja Lusitana, D. Jorge Pina Cabral.

Na sua intervenção, D. Jorge começou por sublinhar o prazer e a honra que constituía para si o poder apresentar um romance de um dos mais notáveis escritores portugueses da atualidade. Nos traços gerais da sua apresentação o Bispo Lusitano referiu que não sendo a obra uma narrativa religiosa, se soube enquadrar e socorrer com maestria de um dos mais determinantes e significativos eventos religiosos, a Reforma Protestante, protagonizada por Martinho Lutero em outubro de 1517 na cidade alemã de Wittenberg com apresentação das 95 teses sobre as indulgências.

Com a qualidade artística que lhe é própria, Mário Cláudio após intensa pesquisa histórica e documental, socorre-se de personagens históricas como o reformador Martinho Lutero e o famoso pintor Lucas Cranach e introduz o leitor num intenso e dramático processo de elaboração de um tríptico representando a Crucificação, a Deposição e a Ressurreição de Cristo. Subjacente ao desenrolar do romance o leitor encontra também identificados os grandes temas da discussão teológica e eclesial que no contexto da época suscitavam paixões e eram motivo de grandes contendas sociais, políticas e religiosas.

No término da sua intervenção, D. Jorge reafirmou que este brilhante livro de Mário Cláudio nos ajuda a perceber e a melhor celebrar os 500 anos da Reforma Protestante, efeméride iniciada em 2017, endereçando ao autor os seus parabéns pelo seu 50º aniversário enquanto escritor e pela maravilhosa prenda que soube dar a si próprio e a todos os leitores através deste «Tríptico da Salvação».

Evasões Poéticas

Palavras vivas à solta na prisão

Dão pelo nome de “Troupe de Palavras Vivas”, são **nove** elementos que levam a poesia e a música a diversos espaços culturais, centros sociais, estabelecimentos de Ensino e também aos Prisionais.

O “cachet” é boleia e água, em troca de boa disposição e para divulgar a poesia.

Gostam do que fazem e de receber abraços e sorrisos pela poesia que oferecem ao jeito de “Palavras Vivas”. Por vezes recebem cartas das quais transcrevemos algumas partes, como é o caso das de um Amigo, de nome real, Luís, que está no Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira, onde a Troupe tem ido diversas vezes fazer sessões de poesia e para apresentar duas colectâneas de poesia da autoria de diversos reclusos intituladas “(IN) verso”, que vai no segundo volume, totalmente produzidos por eles.

Na ida com boa disposição e no regresso com um misto de emoções e pensamentos antagónicos, mas sempre com a certeza de que é dever social que lhes foi dado como desafio e com o qual têm aprendido muito.

Por exemplo, aprenderam que dar um abraço e olhar de frente o outro também é poesia, como refere o nosso Amigo numa das suas cartas, quando realça:

- *“...que pelo menos uma vez, pude contactar com pessoas que me olhavam directamente, ao invés de muitos outros...”*

Aprenderam que a poesia pode abrir portas à liberdade, pois como refere o Luís:

“...foram vocês TROUPE que me despertaram da letargia física e emocional em que me encontrava e «gatilharam» o caminho que tenho que percorrer...quando manifestava algum cansaço no meu dolente caminhar pelo deserto da vida foi a vossa magia que me abriu mais do que uma janela, abriu-me todas as portas e por momentos senti-me livre de novo e homem...”

A “Troupe de Palavras Vivas” sabia, mas teve a confirmação de que a poesia é uma boa companheira nos momentos de solidão, quando o Amigo Luís escreveu:

*“...agora não me sinto só... encontrei um grupo de amigos que tem sempre uma palavra amiga e uma piada no bolso. Sou um sortudo por conhecer os meus Anjos da Guarda e afirmo que não tenho um, mas **nove** Anjos que Deus colocou na minha vida...”*

Ana Maria Roseira

Troupe de Palavras Vivas e membro da Paróquia Lusitana do Bom Pastor

ABRAÇO

Abraça-me como te abraço
 Abraça-me o pensamento
 Abraça-me sem cansaço
 Mas abraça-me com sentimento
 Abraça-me como no cinema
 Abraça-me como no teatro
 Abraça-me diante de todos
 Abraça-me às escondidas
 Mas abraça-me
 Abraça-me só mais uma vez
 Abraça-me como se fosse ontem
 Abraça-me até não puderes mais
 Abraça-me só com o teu olhar
 Abraça-me porque estou triste
 Abraça-me com toda a tua alegria
 Abraça-me com toda a tua força
 Mas abraça-me...
 Porque me sinto só!

Afonso Paulo

In: “(IN)verso”, Volume I - 2018

Tempo para Deus

Mateus: 6-33

Num mundo globalizado em que tudo acontece tão rapidamente, como estamos a administrar o nosso tempo com Deus e para Deus? Podemos dizer que o tempo é a duração dos factos, é o que determina os momentos, os períodos, as épocas, as horas, os meses, os anos. Dependendo do contexto em que é empregue pode ter vários significados.

No contexto em que estamos inseridos vamos utilizar a expressão: ter tempo. Habitualmente afirmamos que ter tempo, é estar disponível, não ter pressa, estar livre. E o que é que tal significa, quando se fala de Deus, do Reino, da Missão e da relação e do compromisso com Ele? O que nos diz a Bíblia sobre o assunto?

Em Mateus 6,27 é dito que o tempo é um dom de Deus que não podemos prolongar, dado que «neste mundo, tudo tem a sua hora; cada coisa tem o seu tempo próprio» (Eclesiastes 3,1). Tudo tem o seu tempo determinado e ter tempo significa pois viver e assumir a própria imprevisibilidade que assiste ao tempo e que acentua também a nossa

própria fragilidade e dependência. Será acolhê-lo como um dom precioso a ser valorizado e bem utilizado diariamente.

Na frenética sociedade de consumo em que vivemos, com as suas imposições culturais e ideológicas, o tempo passa a estar submetido à lógica da produção e da rentabilidade. O ter em detrimento do ser fragiliza o compromisso com a construção do Reino de Deus e afeta a nossa relação com o tempo. Importa parar, tomar consciência e (re)assumir prioridades: «procurem primeiro o Reino de Deus e a sua vontade e tudo isso vos será dado» (Mateus 6,33). Ter tempo com Deus e para Deus requer o esforço de procurar e valorizar aquilo que é simples e discreto, de saber semear em boa terra e de ser fermento que leveda toda a massa.

O discípulo é aquele que faz do tempo da sua existência uma permanente escola de aprendizagem com o Mestre da vida.

Texto extraído e adaptado de uma intervenção da Reverenda Ilma Rios sobre o tema

Como estamos a administrar o nosso tempo com Deus e para Deus?

«Procurem primeiro o Reino de Deus e a sua vontade e tudo isso vos será dado» (Mateus 6,33)

O tempo é um dom de Deus que não podemos prolongar. (Mateus 6,27)

Ter tempo com Deus e para Deus requer o esforço de procurar e valorizar aquilo que é simples e discreto.

Uma obra fundamental da Historiografia Religiosa Portuguesa

Diogo (James) Cassels (1844-1923) foi um dos percursores da reforma religiosa no norte do país e uma das figuras maiores da Igreja Lusitana, devendo-se ao seu afã missionário e vocação pedagógica as igrejas e escolas do Torne (paróquia de São João Evangelista) e do Prado (paróquia do Salvador do Mundo), muito devendo também ao seu contributo trabalhos similares nas atuais paróquias de Cristo e do Redentor, em Vila Nova de Gaia e no Porto.

Mas Diogo Cassels teve também o «sentido da história», ou seja de perceber a importância e o carácter revolucionário do esforço de reforma religiosa e da luta por poder oferecer à população portuguesa uma alternativa a um catolicismo que deixara de responder aos anseios de crescentes franjas da sociedade.

Por isso, na última década de Oitocentos redigiu e fez publicar, sem menção de autoria, nos jornais Igreja Lusitana, de Vila Nova de Gaia e O Evangelista, de Lisboa, o primeiro ensaio sistemático e confessionalmente abrangente da origem e estabelecimento em Portugal de todo o «protestantismo» ou movimento «evangélico» (termos então aplicados à maior parte do cristianismo ocidental fora da esfera católica-romana). A Reforma em Portugal, viria a ser compilada em livro em 1908 e rapidamente esgotou e tornou-se raridade de alfarrabista.

No âmbito das comemorações do 150º aniversário da fundação da igreja do Torne (1868) a Igreja Lusitana, através do seu Arquivo Histórico e Instituto Anglicano de Estudos Teológicos, procedeu à reedição desta obra, inaugurando a coleção «Documenta Lusitana».

Como se diz na introdução ao livro, «a Reforma em Portugal, não sendo obra historiográfica no sentido técnico e moderno do termo, constitui um testemunho pioneiro e de singular relevância no panorama da documentação histórica sobre o tardio protestantismo português».

É uma narrativa na primeira pessoa, com as limitações e riquezas do discurso de um sujeito-agente que é também testemunha ativa de eventos, processos e movimentos cuja explicação e alcance ultrapassam, à luz da conceção do Autor, a mera lógica e iniciativa dos protagonistas circunstanciais».

A publicação, em elegante edição fac-similada, pode ser obtida em qualquer paróquia ou pedida diretamente ao Centro Diocesano da Igreja Lusitana.



Diogo Cassels

A Reforma em Portugal

Uma narrativa vivida da luta pela diferenciação religiosa no Portugal de Oitocentos

A VERDADE e a FÉ

Escrevo no tempo do Pentecostes, essa manifestação explosiva do Espírito de Deus nos pensamentos e atos daqueles e daquelas que viviam num contexto de fé no Jesus ressuscitado, que, conforme o capítulo 2 do livro dos Atos dos Apóstolos, testemunharam a criação da igreja proclamando a universalidade do amor de Deus (“as maravilhas de Deus”) no meio da pluralidade dos muitos idiomas e culturas do mundo.

Como é tradição por ocasião dessa festa litúrgica, os Presidentes do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) emitem uma Mensagem de Pentecostes dirigida às igrejas membros. Este ano a Mensagem, que me pareceu uma das mais importantes desde há algum tempo, teve por tema a Verdade, expressa na declaração “profetizar é dizer a verdade”.

Partindo do princípio que “a comunhão ou koinonia vivida pela comunidade dos cristãos abarca todos os povos, todos os idiomas, todo o oikoumene enamorado (de Deus)”, consideram como primordial para a humanidade a comunicação entre diferentes línguas, raças, religiões e culturas e a compreensão e aceitação de tal diversidade. Tudo o que tem a ver com a relação humana, onde a verdade se apresenta como elemento essencial de convivência e paz.

Todavia, a verdade no mundo de hoje sofre de falta de autenticidade e de referenciais que a apresentem como digna de ser aceite e seguida. Por isso, na Mensagem refere-se que “não há garantias de objetividade na ciência, na política ou no jornalismo”, e recomenda-se que “sempre

devemos buscar a verdade num mar de probabilidades e incertezas contrapostas, e incluso fazendo frente ao auto-engano”.

Ou seja, no contexto do mundo confuso, inseguro, atormentado pelo medo, em que vivemos há que ter em atenção os muitos e diversificados “sinais do tempo”, quantas vezes inscritos em grandes parangonas para nos enganar, e “ler” e analisar tais sinais tendo por base as referências do Evangelho a que os Presidentes chamam “as verdades profundas das nossas vidas”, a saber, “a bondade do ser, a dignidade de todas as pessoas, a integridade da Criação, a necessidade de justiça e paz” cujas provas de autenticidade são em definitivo baseadas em critérios de amor. E consideram que “nenhuma ‘notícia’ que se entregue ao preconceito pode ser verdade; nenhuma ‘política’ que incite ao ódio pode ser verdade; nenhuma ‘ciência’ que possa denegrir a dignidade humana pode ser verdade; nenhuma afirmação religiosa que incite ao extremismo ou ao terror pode ser verdade”.

Numa palavra, o Evangelho de Jesus manifestado na Sua vida, ensino e morte, que o Espírito do Pentecostes nos esclarece e, assim, nos apresta a ser arautos da verdade. Como Ele disse aos discípulos: “O Espírito da Verdade vos guiará à verdade plena” (S. João 16,13).

Não esqueçamos, porém, que a “revelação” do Espírito, como presença viva de Deus, exige-nos acolhimento dessa presença na relação com a diversidade de “culturas” com que convivemos – incluindo a nossa – onde se geram as

dinâmicas da nossa existência. “Nenhuma categoria ou classe, nenhuma raça ou club, nenhum género, nem sequer uma religião, tem o monopólio da verdade”, lê-se na Mensagem, o que nos aponta à prática da humildade na convivência com o que nos é estranho. Por exemplo, a aceitação da verdade que é Jesus não deve levar-nos à soberberia perante os que não a aceitam.

Antes, a verdade que é Jesus deve fazer-nos servos do Seu amor para com todos os que conosco se cruzam na vida em comportamento ético, lutando pela justiça e sempre ao serviço da paz (S. Lucas 9, 51-56). Por isso, somos chamados em Jesus a acolher a Sua palavra “quem é da verdade escuta a minha voz” (S. João 18, 37), a guardá-la como tesouro onde está o nosso coração e a usá-la no contexto da vida quotidiana como verdadeiro exercício de fé – “Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos, e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.” (S. João 8,31-32)

Neste sentido, também, tenhamos sempre presente que somos chamados não apenas a escrutinar a verdade dos outros perante nós, mas, em particular, a cuidar da autenticidade da ‘nossa’ verdade em relação aos outros. A nossa verdade praticada todos os dias, todas as ocasiões, nas coisas pequenas e nas coisas grandes, que decorre fundamentalmente de um modo de ser e não de manipulações conforme as oportunidades e os interesses. “Os que praticam a verdade aproximam-se da luz” (S. João 3,21).

No olhar dos Presidentes do CMI “nos tempos que correm, necessitamos de um testemunho profético da verdade nas nossas sociedades e políticas, em nós mesmos e nas nossas igrejas”, que ajude à compreensão da “visão de Deus da justiça e da paz como alternativa não violenta ao império (...) que censure as falsidades egoístas, que se envergonhe da demagogia e faça frente à opressão, que sare os traumas e se acerque dos estranhos e dos marginalizados”. Então, apelam à “valentia profética” para que, como igrejas que vivem no mundo, impregnadas do Espírito de Deus, “busquemos juntos sempre a verdade, digamos a verdade, proclamemos a verdade e vivamos a verdade, comprometendo-nos a dar testemunho profético das verdades da dignidade humana, da liberdade religiosa, da integridade da Criação e da visão de Deus de justiça e paz”.

Em suma, uma Mensagem de Pentecostes que em si mesma é a própria marca transformadora do Espírito Santo.

*Fernando Soares
Bispo Emérito*

Se imitarmos a resposta não violenta
dada por Jesus na cruz,
tornamo-nos um sinal do mesmo amor divino.

Assim, nas nossas vidas, no nosso desejo de
reconciliação, mostramos ao mundo em que
tipo de Deus acreditamos:

num Deus que está livre do círculo vicioso
da violência e da retaliação.

A cruz incita-nos a amar,
e é por isso que somos perdoados.

(Rowan Williams)

Na capa – Cruz Celta na Catedral Anglicana de Hong Kong